

# DISCURSOS DE RESISTÊNCIA NA NEUROLINGUÍSTICA: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Amanda Bastos Amorim de Amorim (IEL/UNICAMP)

[amandabastos1987@gmail.com](mailto:amandabastos1987@gmail.com)

## Introdução:

A neurolinguística encontra-se em um campo de conhecimento híbrido, pois recorre tanto às neurociências quanto à linguística para o estudo de seus objetos. Tal encontro frequentemente é conflituoso, como veremos a seguir (Morato, 2002). Nosso objetivo, neste texto, é refletir sobre a hegemonia dos modelos que correlacionam sinais linguísticos a substratos neurais específicos e sobre como uma abordagem enunciativo-discursiva vem se constituindo como uma possibilidade de *resistência*, no sentido dado por Foucault (2008).

A neuropsicologia tradicional privilegia o que é da ordem do neurológico no estudo das relações entre o cérebro e a linguagem – e também das demais funções superiores. Mais intrigante ainda é que isso também ocorra com relação à neurolinguística. Embora fenômenos relativos à linguagem sejam abordados – na patologia ou não –, prevalece a necessidade de se correlacionar esses fenômenos com substratos neurais específicos, objetivando conferir aos estudos um status de cientificidade.

Até o século XIX, a medicina – campo em que se iniciam os estudos afasiológicos – é marcada pelo registro de casos em diários, sob a forma de relatos. Segundo Foucault (1998), com o advento da Clínica, são abandonados os relatos e os estudos predominantemente quantitativos são privilegiados, suscitando um gradual apagamento dos dados singulares e a construção de uma vasta semiologia das afasias, buscando agrupar sintomas em categorias clínicas estanques, cujos objetivos eram o diagnóstico e o prognóstico.

A partir do século XIX, tornam-se mais frequentes as pesquisas em Afasiologia que buscavam correlações entre substratos neurais e funções superiores do cérebro, como a linguagem e a memória. Paul Broca (1824-1880) foi um dos mais importantes autores para o estabelecimento deste tipo de pesquisa, pois relacionou a região do giro frontal inferior esquerdo – atualmente conhecida como área de Broca – e a produção da fala a partir de exames *post mortem* em nove pacientes vítimas de ferimentos a bala que apresentariam *perda* na capacidade de falar.

A linguística tradicional, de bases estruturalistas ou gerativistas, orienta-se por uma concepção de ciência bastante próxima das ciências biológicas,<sup>1</sup> ou seja, procura evidências por meio do estabelecimento de leis gerais que digam verdades sobre os fenômenos. Para tanto, ambas excluem tudo aquilo que é da ordem do individual, do subjetivo. Por isso mesmo, como já apontava Coudry (1986), essas teorias não podem dar conta dos dados de sujeitos afásicos, uma vez que é essencial, nas abordagens sócio-histórico-culturais, a relação do sujeito com a cultura, com o outro, na história.

---

<sup>1</sup> As ciências biológicas se diferenciam das ciências físicas e matemáticas, por exemplo, por isso evitamos generalizações como a denominação “ciências naturais”. Embora sejam pertinentes, as discussões de noções de cientificidade não fazem parte do escopo deste trabalho.

A partir de 1982, Coudry<sup>2</sup> passou a agregar em seus trabalhos reflexões sobre o dado singular e sobre como podemos inferir a respeito de processos mais gerais a partir de dados que emergem de episódios dialógicos e que, portanto, são únicos e irrepetíveis, referidos por ela como dados-achados (Coudry, 1986). A neurolinguística de bases sócio-histórico-culturais<sup>3</sup> se constitui como área no Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, justamente para garantir que o posto de observação dos fenômenos seja o da linguística.

O discurso institucionalizado das neurociências continua se baseando, usando aqui um conceito de Foucault (1998), *na vontade de verdade* que prevalece desde o século XIX, de correlacionar os sintomas às áreas cerebrais. Segundo Novaes-Pinto (1999), a vontade de verdade do século XXI é a de mapear o cérebro, servindo-se da tecnologia desenvolvida nas últimas décadas do século XX, com o uso de técnicas de neuroimagem.

Por outro lado, a neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva<sup>4</sup> resiste ao discurso hegemônico e vai construindo uma vasta bibliografia, que inclui contra-exemplos, problematizações a respeito do estabelecimento mecânico de relações entre causa e efeito, além de novas propostas para o estudo da linguagem na normalidade e nas patologias, versando tanto sobre aspectos teórico-metodológicos quanto sobre a prática clínica. Os trabalhos desenvolvidos na área têm ganhado cada vez mais espaço, inclusive com pesquisadores presentes em mais universidades brasileiras.<sup>5</sup>

Neste ponto, é fundamental explicitar o que se entende por *resistência*. Foucault (2008: 18) afirma que a *vontade de verdade*, quando apoiada em uma instituição – como a Clínica –, "tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção". Para fins ilustrativos, podemos inferir que, como as primeiras classificações da afasia vieram de um campo já institucionalizado – a medicina –, seja mais difícil que classificações advindas de outras áreas, como a linguística, penetrem nesse campo. Além disso, quando penetram,

---

<sup>2</sup> Coudry é referência fundamental na área, pois sua tese de doutorado, defendida em 1986 - publicada em 1988 como *Diário de Narciso: afasia e discurso*, pela Editora Martins Fontes - constitui a obra fundadora da abordagem enunciativo-discursiva. Antes de 1986, outras publicações de Coudry já indicavam o percurso da autora na formação de uma Neurolinguística de base enunciativo-discursiva. Dentre estas, citamos Coudry e Possenti (1983) que, de acordo com Novaes-Pinto (1999), foi o primeiro texto a criticar a aplicação de modelos estruturalistas e gerativistas ao estudo da Neurolinguística. Ademais, segundo Borges Neto, é um dos poucos trabalhos na linguística que, ao traçar a história da área, é bem sucedido ao evitar uma prática historiográfica tradicional, que escreve a história de grandes descobertas realizadas por pesquisadores sempre construídos como grandes gênios.

<sup>3</sup> Enfatizamos que o termo sócio-histórico-cultural está sendo utilizado nesta pesquisa para nos referirmos a uma concepção mais abrangente, que se contrapõe a linhas de pesquisa ou de pensamento que destacam o objeto a ser analisado de seu contexto real. Os termos *enunciativo-discursiva* ou *discursiva* têm sido utilizados de forma intercambiável por alguns pesquisadores. A preferência pelo primeiro, por exemplo, justifica-se pela importância de explicitar reflexões advindas de autores como Bakhtin. Uma outra possibilidade é a de referir-se ao trabalho como sociocognitivista, buscando marcar a importância de autores como Vygotsky e de teorias que privilegiam o funcionamento mental. Todas essas abordagens têm em comum uma metodologia fortemente influenciada por estudos longitudinais e de casos e em situações dialógicas/interativas. Tais diferenças, entretanto, não se configuram incompatibilidades no olhar que se lança aos fenômenos.

<sup>4</sup> Passo a adotar este termo após ter explicitado a compatibilidade com os outros, pois minhas leituras e, portanto, a presente pesquisa, foram fortemente marcadas por leituras bakhtinianas. As demais abordagens também resistem ao discurso biomédico hegemônico.

<sup>5</sup> Na Universidade Estadual do Sudeste da Bahia (UESB), foi criada recentemente a linha de pesquisa "Aquisição e Patologias da Linguagem" que conta com docentes que se doutoraram no IEL/UNICAMP e adotam uma abordagem enunciativo-discursiva.

muitas vezes são tomadas de forma superficial ou mesmo equivocada. De fato, é possível observar a ocorrência dessas imprecisões em relação, por exemplo, aos conceitos de *neologismo* e *jargão*, que são inadequadamente utilizados, de acordo com Morato & Novaes-Pinto (1998) para se referirem à produção de parafasias nas afasias fluentes.

*Vontade de verdade, poder e resistência* são elementos fortemente relacionados, já que a resistência é constitutiva do poder e este é parte integrante das instituições que apoiam a vontade de verdade que, por sua vez, exerce uma pressão coercitiva – conferida pelo poder da instituição – sobre a sociedade, gerando pontos de resistência (Foucault, 2009). Isso indica, portanto, o caráter cíclico dessas relações de poder. Considerar o sujeito na sua relação com a linguagem, o uso efetivo da língua e não uma língua como sistema fechado e estável ou uma competência de um falante-ideal, por sua vez, constitui-se também como um discurso de resistência em relação a uma certa Linguística – a das formas. Resistir, numa perspectiva foucaultiana, consiste, portanto, em inquietar-se frente a paradigmas estabelecidos e consagrados, questionando-os, investigando e propondo novas possibilidades.

A seguir, serão apresentados alguns dos conceitos fundamentais que unem as pesquisas sob este referencial enunciativo-discursivo supracitado.

### 1. Conceitos fundamentais para a neurolinguística

Serão apresentadas aqui as concepções de *sujeito, linguagem e de cérebro* que adotamos, assim como a proposta de se estudar linguagem nas patologias sob uma ótica mais linguística e menos biológica, enfocando sempre questões relacionadas à metodologia das pesquisas. Autores fundamentais para as discussões que seguem são Bakhtin, Foucault, Luria, Vygotsky, Coudry e Novaes-Pinto.

Foucault relaciona a preocupação classificatória e nominalista dos séculos XIX e XX à chamada “vontade de verdade” desse período. Consequência disso é um quadro que observamos até hoje, no qual “as categorias passam a ser prévias às observações e o papel do clínico é apenas o de encaixar nelas os sujeitos e as patologias” (Foucault, 1998).

Nas abordagens que guiam os estudos mais tradicionais em neurolinguística, o sujeito é *ideal*, proposta que funciona muito bem para a teoria, uma vez que garante a coerência e adequação a um modelo. Entretanto, na prática, sujeito algum corresponde a esse ideal; as teorias não dão conta dos “desvios” em relação ao que é esperado. Dessa forma, aquilo que não corresponde ao modelo defendido é muitas vezes deixado de lado, quando poderia revelar aspectos relevantes sobre variações inter e intra-subjetivas - ou seja, variações entre sujeitos ou nos enunciados de um mesmo sujeito, em diferentes momentos de sua produção linguística - que permitiriam justamente esclarecer os processos subjacentes ao funcionamento da linguagem. A respeito da questão da variação individual, desconsiderada nos estudos neuropsicológicos, ver Novaes-Pinto (1999).

Para abordar a concepção de sujeito, compatível com a neurolinguística que desenvolvemos, recorreremos à teoria bakhtiniana, que se apresenta como uma alternativa a outras duas concepções de sujeito extremas e mutuamente excludentes: a de sujeito *assujeitado* e a de sujeito *fonte de sentidos*. Sobral (2005a: 22) sintetiza a concepção bakhtiniana de sujeito, que respalda nosso trabalho, que o autor denomina *sujeito situado*:

A ênfase no aspecto ativo do sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito, bem como na construção “negociada” do sentido, leva Bakhtin a recusar tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, tanto um sujeito fonte do sentido quanto um sujeito assujeitado. A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido.

O foco incide, assim, sobre o sujeito em situação dialógica, quando é estabelecida uma relação de interlocução e a língua é vista em uso. Segundo Bakhtin, “o ato de fala e seu produto, a enunciação, não podem ser explicados somente a partir das condições do sujeito falante, mas também não podem dele prescindir”. (Novaes-Pinto, 2007: 19).

A concepção de linguagem que utilizaremos e que norteia os estudos em neurolinguística de abordagem enunciativo-discursiva é explicitada por Franchi (1977):

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua função criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado, mas um trabalho que “dá forma” ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do “vivido” que, ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias.

Destaca-se, assim, a concepção de linguagem como uma atividade constitutiva do sujeito, marcada pelo trabalho realizado pelo sujeito que, por sua vez, é por ela constituído. Tal formulação evidencia a compatibilidade desta concepção de linguagem com a concepção bakhtiniana de sujeito, pois o mesmo se constitui nas relações, agindo e sofrendo ações alheias.

Coudry (1986/1988) foi pioneira nos estudos de neurolinguística com abordagem discursiva, inserindo o sujeito e as situações dialógicas na análise dos dados, quando o que vigorava na área era o estudo baseado nas categorias formuladas entre os séculos XIX e XX. Defenderemos a abordagem por ela proposta, uma vez que, nas palavras da autora, “não se pode escamotear o sujeito, fonte de origem dos dados, com quem vou constituir o modo de avaliá-lo e acompanhá-lo, em sua peculiaridade e especificidade” (Coudry, 2001: 195).

Outro conceito fundamental para este projeto, compatível com as teorias enunciativo-discursivas, é a concepção de cérebro defendida por Luria (1976). Segundo o autor, as funções mentais

[...] não estão “localizadas” em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em conjunto, cada uma das quais concorre com a

sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional.

As funções superiores não podem, portanto, ser vistas como faculdades isoladas no cérebro, às quais se relacionariam certos grupos bem definidos de células, mas como um Sistema Funcional Complexo (SFC).<sup>6</sup> Segundo essa noção, o cérebro é um sistema dinâmico e flexível, capaz de se reorganizar em casos de lesão cerebral. As suas partes são solidárias e, dessa forma, áreas não tão específicas para uma determinada função passam a colaborar para compensar o trabalho daquela que foi comprometida, princípio da chamada *plasticidade cerebral*.

Essa concepção de cérebro se opõe a uma concepção tradicional privilegiada pela ciência positivista, constituída por modelos baseados em cálculos estatísticos que postulam um *cérebro médio*, que não corresponde ao cérebro de um sujeito real. Uma crítica contundente a esse modelo é encontrada em Mecacci (1984):

Há um “outro” cérebro que a ciência não estuda, ou só considera marginalmente. É, em primeiro lugar, o cérebro de cada indivíduo, cada um diferente do outro; e, depois, o cérebro de indivíduos pertencentes a culturas diferentes. [...] A variedade do cérebro dos homens é a fonte do predomínio dessa espécie de animais sobre as outras espécies e a origem das relações sociais e da cultura. A variedade do cérebro humano, porém, é ignorada. Estuda-se um cérebro “normal” que, na realidade, não existe.

Explicitadas essas oposições teórico-metodológicas entre diferentes concepções de *sujeito*, *cérebro* e *linguagem*, passamos à discussão de questões mais especificamente relativas ao tema central deste texto.

## 2. Pontos de resistência na metodologia

Em pesquisa de mestrado defendida em 2011, apresentamos uma retomada dos trabalhos realizados desde 1986 até 2011, sob perspectivas sócio-histórico-culturais. Nossa pesquisa foi realizada primeiramente por meio da busca por palavras-chave no banco de teses e dissertações da universidade<sup>7</sup> pelos itens semiológicos de interesse, a saber: *agramatismo*; *fala telegráfica*; *anomia*; *automatismo* e *estereotipia*; *circunlóquio*, *digressão* e *confabulação*; *jargonafasia*; *neologismo*; *parafasia*; *perseveração*; e *síndrome frontal leve*. A partir de tal busca e adicionando pesquisas ora que atualizam as teses e dissertações e ora que as complementam (como artigos ou capítulos de livros), obtivemos vinte e três textos que foram agrupados de acordo com o item semiológico em questão e as ressignificações propostas.<sup>8</sup> Dessa maneira, obtivemos um conjunto de textos que permitia análises para além de uma simples revisão bibliográfica. Pudemos observar regularidades entre eles, explicitar as bases que tornam os trabalhos compatíveis e a metodologia que os une na resistência em relação aos estudos quantitativos que, conforme vimos, escamoteiam o sujeito.

---

<sup>6</sup> Damasio (1997) retoma essa ideia: “processing language is not dependent on Wernicke and Broca areas only, but rather on the job of many sites linked as systems and working in concert”.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>

<sup>8</sup> A pesquisa completa encontra-se em Amorim (2011).

Os estudos de casos realizados nas pesquisas em neurolinguística de abordagem enunciativo-discursiva caracterizam-se pelo acompanhamento longitudinal de um sujeito e pela análise de dados que emergem em situações dialógicas. Dependendo dos objetivos específicos da pesquisa, alguns autores optam pela elaboração de protocolos não-fechados ou roteiros de avaliação. Cabe esclarecer que quando nos referimos a esses protocolos ou roteiros, não se trata de baterias ou procedimentos validados e aplicados como instrumento de avaliação, mas de atividades metalinguísticas que têm por objetivo checar hipóteses sobre as dificuldades observadas nas análises dos enunciados dos sujeitos. Também é importante ressaltar que não existe um único protocolo aplicado indiferenciadamente a todos os sujeitos, embora possam servir para avaliar questões presentes em vários tipos de afasias.

Miceli (2001) enfatiza a relevância dos estudos de casos para o conhecimento que se tem hoje sobre o funcionamento cerebral e sobre as funções superiores:

Much of the theoretical progress in the neurology and neuropsychology of aphasia results from the detailed study of individual aphasic subjects. Single- case studies have proved to be a powerful heuristic tool in cognitive neurology/neuropsychology, and with time they have provided an impressive body of evidence, demonstrating the complex architecture of the linguistic system.

Um dos avanços das pesquisas desenvolvidas na neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva com relação aos aspectos metodológicos é a retomada da noção de paradigma indiciário proposto por Ginzburg (1989) e o método das análises microgenéticas (Vygotsky, 1984), retomado por Góes (2000).<sup>9</sup> Nas palavras da autora:

[...] trata-se de uma forma de construção de dados que requer a atenção a detalhes e o recorte de episódios interativos, sendo o exame orientado para o funcionamento dos sujeitos focais, as relações intersubjetivas e as condições sociais da situação, resultando num relato minucioso dos acontecimentos.

A autora afirma, ainda, que uma vantagem clara dessa análise é que permite "adensar o estudo dos processos intersubjetivos e expand[ir] as possibilidades de vincular minúcias e indícios de episódios específicos a condições macrosociais, relativas às práticas sociais" (Góes, 2000: 9).

É importante observar que o termo foi cunhado não a partir de denominações prestigiadas pela área médica – o que o uso de genética poderia sugerir –, mas pela razão descrita pela autora:

Em resumo, essa análise não é micro porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para minúcias indiciais – daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito. É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições

---

<sup>9</sup> Para uma análise detalhada de tais possibilidades metodológicas, conferir Pacheco (2012).

passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais.

A análise microgenética propicia a compreensão sobre como se deu o impacto das patologias tanto sobre o sistema da língua – nas trocas de palavras, de fonemas, na desorganização sintática – quanto com relação aos aspectos pragmáticos e discursivos – circunlóquios, repetições, hesitações – que dão visibilidade às atividades epi- e metalinguísticas em funcionamento durante a produção dos enunciados.

### 2.3 Pontos de resistência nas escolhas terminológicas

Os trabalhos realizados na área, desde Coudry (1986), a fim de serem coerentes quanto aos pressupostos teóricos que orientam a neurolinguística enunciativo-discursiva, têm se ocupado em marcar uma posição ético-filosófica que confronta as abordagens biologizantes dos fenômenos afasiológicos e que apagam o sujeito, ao passo que ressaltam a doença. Elencamos, a seguir, exemplos de termos que são recorrentemente substituídos<sup>10</sup> nos trabalhos pesquisados:

- (i) *paciente* por *sujeito*, uma vez que tanto as teorias linguísticas quanto as teorias neuropsicológicas que orientam nossas pesquisas são sócio-histórico-culturais e privilegiam um indivíduo que trabalha ativamente na constituição do sistema da língua (Bakhtin, 2006; Franchi, 1977) e de um indivíduo que busca um estado de equilíbrio entre saúde e doença (Canguilhem, 1995; Sacks, 1997);
- (ii) *déficit/distúrbio* por *dificuldade/alteração*, por entendermos que a produção dos sujeitos já se constitui como uma possibilidade de reorganização. Os enunciados assim, não são entendidos como reflexo direto daquilo que porventura esteja alterado, mas como uma possibilidade alternativa que revela o trabalho dos sujeitos sobre o que está preservado.

É fundamental, também, revisitar o conceito de *grau de severidade*, subjacente às descrições e classificações de todas as formas de afasia. Novaes-Pinto (2006) apresenta uma reinterpretação do conceito, que tradicionalmente é tomado como sendo objetivo (também obtido a partir de escores em baterias neuropsicológicas). Dessa forma, o item semiológico que nomeia uma categoria vem, frequentemente, acompanhado da adjetivação "severa", "moderada" ou "leve". Segundo a autora, é necessário que se inclua na discussão sobre este conceito o que o próprio sujeito diz de suas dificuldades. Rotular uma afasia como leve, do ponto de vista da fluência do sujeito, por exemplo, é reduzir a

---

<sup>10</sup> Não significa que esses termos (paciente, distúrbio, déficit) desapareçam no contexto de nossas pesquisas. Eventualmente, são utilizados com conotações próprias, como por exemplo, ao abordar a relação terapeuta- paciente.

complexidade da linguagem, desconsiderar as diferenças com relação ao domínio, pelo sujeito, dos vários gêneros discursivos.

## Conclusão

As análises presentes em Amorim (2011) e aqui resumidas indicaram regularidades que se construíram ao longo dos últimos 26 anos e concluímos que os trabalhos sobre linguagem nas patologias que adotam perspectivas sócio-histórico-culturais e metodologias qualitativas configuram-se como *discursos de resistência* em relação a uma instituição clínica em que predominam estudos quantitativos que pouco informam sobre aspectos generalizáveis da afasia, o sujeito em questão e menos ainda sobre elementos da normalidade. *Resistir*, na neurolinguística, significa olhar os dados singulares que o emprego de outros aparatos teórico-metodológicos descartariam. Para além disso, é observar as anomalias como possibilidades de novas reflexões sobre a linguagem na normalidade e nas patologias.

## Referências Bibliográficas:

- AMORIM, Amanda Bastos Amorim de. *A semiologia das afasias: contribuições de uma abordagem enunciativo-discursiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORGES NETO, José. "História da Linguística no Brasil". In: *Estudos Linguísticos XXXIV*. [s.n], 2005.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso – discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1986/1988].
- COUDRY, Maria Irma Hadler; POSSENTI, Sírio. (1983). "Avaliar Discursos Patológicos". In: Cadernos de Estudos Linguísticos, número 5, páginas 99-109.
- DAMASIO, Antonio. "What a difference a decade makes". In: *Current opinion in neurology*, 20. Iowa: Rapid Science Publishers, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Forense Universitária. 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FRANCHI, Carlos. *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, Campinas, 1977.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GÓES, Maria Cecília Rafael de. "A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade". In: *Cadernos Cedes*, N. 50, 2000.
- LURIA, Alexander. *Basic problems in neurolinguistics*. Mouton: The Hague, 1976.
- LURIA, Alexander. *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdam: Sweets & Zeitlinger B. V., 1977.



- LURIA, Alexander. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artmed Editora, 1986.
- MECACCI, Luciano. *Conhecendo o cérebro*. São Paulo: Nobel, 1984.
- MICELI, Gabriele. "Disorders of single word processing". *J Neurol*, 2001.
- MORATO, Edwiges Maria. Neurolingüística. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. (Ed). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.
- MORATO, Edwiges Maria; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. "Aspectos enunciativos da jargonafasia". In: *Anais do GEL*. Campinas, 1998.
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. *Uma contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1999.
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. "Uma reinterpretação do conceito de grau de severidade a partir de uma concepção enunciativo-discursiva de linguagem e dos relatos dos sujeitos afásicos sobre suas dificuldades". In: *Estudos Lingüísticos XXXV*, p. 1730-1735, 2006.
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. "Avaliação de compreensão de linguagem: análise de resultados obtidos em baterias de testes neuropsicológicos versus análise discursiva de episódios dialógicos". In: *Veredas (UFJF)*, v. 1/2007, 2007.
- PACHECO, Mirian Cazarotti. *O Discurso Narrativo nas Afasias*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2012.
- SACKS, Oliver. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SOBRAL, Adail. "Ato/atividade e evento". In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2005a.
- SOBRAL, Adail. "Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas". In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2005b.
- VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes, 1984.